

# Do mistério de ser humana criatura

## Meditação sobre o mistério da vida e as suas três idades: *jubilum, laboratio, jubilatio*\*

JORGE COUTINHO

*«Criaste-nos [me] para Ti,  
e o nosso [meu] coração está inquieto  
enquanto não repousar em Ti»*

(Santo Agostinho, *Confissões* I, 1)

A «última lição» que sou convidado a proferir convida-me a proceder a um olhar retrospectivo sobre a minha própria vida e, à luz da minha experiência da mesma, a uma breve meditação sobre esse grande mistério que é a vida humana em geral.

À luz da fé, sabemos e reconhecemos-nos criaturas de Deus: cada um de nós corresponde a um pensamento eterno do Criador. E mais: a um seu particular afecto e também a um inalienável desígnio para ser realizado no decurso do tempo – breve tempo – do nosso existir neste mundo. Isso significa que há um divino originário de nós anterior a nós, ao qual se liga, desde o inicial começo de nós, todo o mistério do nosso existir. Mas significa também, segundo o velho princípio aristotélico e escolástico da causalidade final – «todo o agente age em vista de um fim» –, que há uma divina ultimidade de nós, transcendente a nós, que se constitui, no decurso do nosso existir neste mundo, o primeiro e mais eficiente motor que nos move ou alenta na incessante transcensão do que já somos, em direcção àquilo que somos chamados a ser. Santo Agostinho exprime

---

\* Lição de Jubilação proferida em 7 de Abril de 2011, no auditório de S. Tomás de Aquino da Faculdade de Teologia – Braga (UCP).

isto mesmo em metáfora retirada do campo da física, quando ensina que todas as coisas da natureza têm o seu «lugar» próprio, para o qual tendem naturalmente e fora do qual se encontram descontraídas de si, e por isso objectivamente em desordem e subjectivamente em sentimento de inquietude, e encontrado o qual se encontram a si mesmas na plenitude de si mesmas, com isso, encontrando a sua ordem e o seu repouso. É esse, exactamente, o que na liturgia dos mortos designamos como o «eterno descanso», identificável com aquela plenitude de nós que é, para cada um, a sua perfeita felicidade ou beatitude. A tensão para esse «lugar» próprio é o que ele designa como o «peso» de cada coisa, o qual, nomeadamente quando aplicado ao ser humano, também é designado por «amor», traduzindo a velha ideia platónica de *eros*: «O meu amor é o meu peso; para onde quer que vá, é ele que me leva»<sup>1</sup>. É esta maneira de ver o dinamismo do mundo da criação em geral e da criatura humana em especial que dita ao santo e sábio bispo de Hipona aquele profundo pensamento que inscreve no princípio das suas *Confissões*: «Criaste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti»<sup>2</sup>.

Sendo um facto que Santo Agostinho foi, para mim, o pensador cristão mais admirado e o mais relevante inspirador das minhas próprias cogitações filosóficas, sirvo-me deste inicial pensamento que lhe tomo de empréstimo para conduzir a linha de fundo desta breve meditação sobre o mistério da vida. Uma meditação que, também para me cingir ao campo mais relevante da minha formação e actividade de investigação e de docência, conduzirei em termos essencialmente filosóficos. Tomando como ponto de partida uma breve análise de algumas implicações da ideia de criação, irei tecer sucintas considerações sobre cada uma das três fundamentais idades da vida, a que farei corresponder, respectivamente, o júbilo (*jubilum*), o trabalho (*laboratio*) e a jubilação (*jubilatio*).

## 1. Criação, isto é, invocação

Ser criatura significa, pois, que há um divino de nós e que esse divino de nós está, antes de mais, na nossa origem em Deus. Misteriosamente presente em cada ser humano, ele desvela-se já na infância que todos nós atravessámos. O colo materno que sustém cada criança é, para ela, instintivamente, a primeira analogia da sua própria criação. Frágil e dependente, ela está no colo da mãe como, mais tarde, tomando consciência mais clara do mistério da vida, será convidada a descobrir que é contingente, com um ser que é recebido – que é

---

<sup>1</sup> Santo AGOSTINHO, *Confissões*, XIII, 9.

<sup>2</sup> Id., *ibid.*, I, 1.

uma graça –, só nos braços do Ser necessário, Criador e Senhor do seu próprio ser, se reconhecendo firmemente ancorada e solidamente consistente. E tal é, mais clara ou mais confusamente, o sentimento de ser criatura.

Ser criado é ser chamado ao ser. O mesmo é dizer que é ser *in-vocado*, isto é, alguém que – para lá das causas segundas que intervêm na sua vinda ao mundo (nomeadamente o acto gerador dos pais) –, em última análise, emerge na vida por força de uma palavra criadora: um «Vem!» que Deus «diz» em cada caso singular, inscrevendo-o no seu coração (isto é, em termos agostinianos, em cada «eu», ali «onde eu sou o que sou»<sup>3</sup>). Palavra criadora, do lado de Deus, porque é palavra (*lógos*) que faz ser; e palavra «ôntica», do lado da criatura humana, porque é palavra em forma de ente (*ón*). O corpo minúsculo, formado no seio materno, é a forma palpável da resposta humana. É como se por si mesmo dissesse: «Eis-me aqui, Senhor, pois me chamaste» (1 Sm 3, 8).

Mas o corpo vivente é vivente pela vida. Nos viventes infra-humanos, esta emerge naturalmente, por obra e graça da própria Natureza. No vivente humano, em diferença, ela é sempre uma espécie de «milagre», obedecendo de modo directo e personalizado àquela palavra criadora de Deus. É essa palavra, afinal, que em cada um de nós institui aquilo que designamos como a nossa alma espiritual. A alma (o que alenta ou anima: *anima*) que dá vida a esse corpo vivente – o qual, por sua vez, lhe dá expressão visível – é o próprio invisível sopro divino (*spiritus*) actuando em nós. Por isso, esse divino sopro vital ou alma espiritual constitui, em cada um, a imagem e semelhança do Criador e, com isso, a memória dele em nós. Usando uma analogia com a conhecida distinção heideggeriana, é uma memória também ela ôntica (memória entificada) a tornar-se, com o tempo, memória ontológica, isto é, um *lógos* ou palavra ou razão onde se reflecte e a partir de onde se desvela ou se diz o *Lógos* divino originário e originante do nosso ser. Na verdade, nesse *lógos* que, com o tempo, desabrochará em razão pensante, permanecerá latente aquele *Lógos* ou Palavra criadora, a qual, de natural e instintivamente conhecida, leva inerente o convite a tornar-se re-conhecida como tal. O seu reconhecimento assume então a forma de *evocação* da *invocação* originária e originante do nosso ser. E nele desabrocha simultânea e naturalmente o sentido de *pro-vocação* a realizar o ser segundo a medida divina que aquela invocação deixou inscrita em nós e que institui em cada indivíduo humano a sua fundamental e mais radical vocação. Desejamos ser divinamente porque nos recordamos da nossa origem divina.

É a distância entre o que sempre nos encontramos sendo – limitados ou finitos (inacabados) – e o que somos chamados a ser – segundo a medida divina, infinita, de ser (medida do nosso acabamento) – que nos faz ser em modo de

---

<sup>3</sup> Id., *ibid.*, X, 3.

quem *ex-siste* (no sentido que os filósofos do existencialismo dão a esta palavra), isto é, sendo («sistindo») em modo de *ex-*: em ultrapassagem de nós, em excedência do que já somos, vivendo sempre em *êx-odo* do nosso exíguo espaço de ser, sempre fora de nós, ausentes de nós, fazendo caminho em direcção à Pátria da nossa divina paternidade, num horizonte sempre mais além, onde esperamos (re)encontrar-nos finalmente na originária plenitude de nós. Sartre tinha razão quando, nesta ordem de coisas, dizia que as coisas simplesmente «são» (acabadas, só o que são); só o ser humano verdadeiramente «existe». Como tinha razão quando definiu este como «o ser que projecta ser Deus»<sup>4</sup>. Em nossa visão cristã, não se trata, porém, de uma «paixão inútil». O que se passa é que o projecto que a Palavra criadora deixou em nós obedece à nostalgia da Origem, com ela, instituindo em nós o Desejo de regresso a esse «paraíso perdido». É, como diria Pascoaes, a «saudade de Deus», em sua dupla face de lembrança e de desejo: saudade da Origem feita saudade do Fim.

A existência humana pode assim ser vista como um diálogo – *dià-logos* – de Deus com o homem e deste com Deus. Diálogo originariamente ontológico, destinado a tornar-se assumidamente diálogo religioso, porque através dele fazemos a nossa religação ao Deus Criador, que diante de nós se perfila também como Deus plenificador (em termos religiosos, dito Deus salvador). As suas palavras essenciais são o «Vém» que Deus diz no princípio, mantém no decurso e quer dizer no fim; e o «sim» com que o homem responde ao apelo de Deus. No plano ontológico, o homem responde aparecendo no ser e nele continuando, *ex(s)istindo*. No plano moral – que é o de procurar ser como é chamado a ser –, a humana criatura recebe do Criador a capacidade e a responsabilidade de responder positivamente (em modo de «sim») ou negativamente (em modo de «não»). Esse «não» no plano moral, com a recusa de fazer caminho na direcção de Deus, é porém, logicamente, sempre equivalente a uma autodestruição existencial, autodestruição que, no plano religioso, designamos em termos de «perdição».

Enquanto diálogo religioso, a existência humana constitui-se assim como um «texto» ou textura. Espécie de diário pessoal, ele é o que se pode chamar o «livro da vida» de cada um, livro melhor ou pior gravado na memória humana mas sempre inscrito na mente de Deus e sempre assinado conjuntamente por Deus e pelo homem, cada um assumindo a sua parte.

A última palavra, porém, pertence ainda a Deus, já que só ele pode conferir ao mesmo ser humano a infinitude divina do ser. Essa última palavra, que é, a título especial, uma graça ou dom gratuito, é, afinal, análoga àquela que o chamou à graça de ser: é o «Vem!» para a posse do Reino celeste, que a fé cristã

---

<sup>4</sup> Jean-Paul SARTRE. *L'Être et le Néant. Essai d'Ontologie Phénoménologique*. 4, 2, III.

professa ser para ser dito por Deus a cada qual no termo final de uma vida vivida segundo o sentido inscrito no mais íntimo do seu ser. Como graça estrita que é, essa última palavra não é já da ordem da criação ou da natureza, mas daquilo que, na mesma fé cristã, se designa como Nova Criação ou Redenção. A Revelação divina ensina que essa última palavra é, de facto, para ser dita. Como se lê no termo final da Bíblia, o diálogo de Deus e do homem transforma-se num mútuo apelo, um apelo de feição simbolicamente nupcial, em que, de coração e braços abertos de parte a parte, é dito um duplo «Vem!»: «O Espírito e a Esposa dizem: ‘Vem!’ E aquele que ouve diga: ‘Vem!’» (Ap 22, 17).

## 2. As idades da vida

### 2.1. A infância ou o *jubilum*

A primeira idade da vida é a correspondente à infância. A infância de uma vida é tempo de in-nocência, quer dizer, segundo a etimologia latina da palavra, tempo de viver sem causar dano (*nocere*) ao essencial sentido da vida, em total abertura ao milagre de existir e ao seu mistério, imune, ainda, a toda a tentativa de distorção. É o tempo em que, verdadeiramente, como diria Heidegger, o ser humano habita o mundo como «pastor do ser». Quer dizer, em sentimento de pertença (al. *Gehörigkeit*), que – como o mesmo filósofo explicitou – seguindo a raiz germânica do verbo *gehören*, é também obediência e audiência. No caso – para além de Heidegger – pertença a algo ou a alguém que não lhe pertence, mas lhe é anterior; obediência a algo ou alguém que lhe é superior; audiência (no sentido de escuta ou prestação do ouvido) a essa voz misteriosa que, enquanto convidativa à escuta, é já aquele Verbo ou *Lógos*, a partir do qual, sempre velado no seu íntimo segredo, todavia se desvela o mistério de ser. A criança vive em transparência ao que, do mistério da vida, se desvela naturalmente como a sua verdade essencial. Por isso, à criança é algo natural e espontâneo a consciência do divino de nós e o viver em conformidade com ele.

Na trajetória da vida de cada um, a infância representa, deste modo, o paraíso terreal, ainda próximo da Origem e anterior à «queda». A memória de Deus (a agostiniana *memoria Dei*) é aí, ainda, uma memória fresca. A criança é (ainda) «anjo». Não lhe chamamos assim às vezes? E não é só por ser inocente. É também porque ela vive na proximidade de Deus ou no encantamento de um paraíso próximo do Paraíso. Por isso, vive em encantamento, habitando este mundo «em canto», como anjo na terra fazendo coro com os anjos do Céu. Mas a criança é anjo, ainda, porque, mais que pisar a terra, lhe é próprio habitar nas alturas. Voa com a imaginação ou fantasia, que lhe dá asas e que, um pouco como no evento do monte Tabor, lhe permite viver em transfiguração de

si mesma e de todas as coisas, deste modo fazendo da terra um Céu. Por isso, a infância é a idade do *jubilum*. A criança vive jubilosamente a vida. Por isso também, a saída da infância, pela adolescência, constitui, para cada um, uma espécie de expulsão do paraíso para um novo mundo onde, a par dos trabalhos e canseiras, habitam o mal e a maldade e onde o horizonte divino da vida parece desenharse cada vez mais longe.

## 2.2. A vida activa: *laboratio*

Entre a infância e a morte o ser humano é chamado a co-responder ao apelo divino de ser perfeito. É o tempo da vida em canseiras e trabalhos, na busca do acabamento do seu inacabamento. Em termos agostinianos, é o tempo da sua «formação», isto é, do seu ganhar «forma», a ponto de, quando chegar a hora de prestar contas ao Criador, feito agora Remunerador, ser encontrado «em forma».

Implicando sacrifícios de vária ordem, o trabalho pode aparecer então como pena ou como o preço do nosso abandono do paraíso da infância. Há aí alguma analogia com a condição do homem depois da queda, segundo o Génesis. Mas essa é uma interpretação simbólica, que apenas traduz uma parte da verdade. Na verdade, o trabalho é actividade, e a actividade é inerente ao ser, sendo no ser finito o seu modo de crescer na direcção do Infinito. Agir é ser mais. A actividade é, pois, enriquecimento do próprio ser. É então que o nosso existir passa a ser animado pelo Desejo – esse que em Platão era o *Éros* – de não sabemos bem o quê, embora saibamos que é uma plenitude de nós, para além de todo o limite de nós que sempre nos acompanha e mantém insatisfeitos, quer dizer, não completamente feitos (*in-satis-facti*). No nosso horizonte está, pois, sempre uma transcendência de nós que, em última instância, é uma Transcendência (com maiúscula). Mais consciente ou mais inconscientemente, levamos connosco a ideia de que só nela seremos perfeitos, isto é, completamente feitos (*per-facti*).

Santo Agostinho descreve esta dinâmica do existir humano em três fundamentais incidências: *uocatio*, *conuersio*, *formatio*. O homem é chamado ao ser pela Palavra criadora de Deus (*uocatio*). Responde voltando-se para Ele com o seu existir, que é o seu «eis-me aqui» (*conuersio*), aparecendo no ser com a sua forma própria (*formatio*). Até aqui o homem é semelhante aos demais seres. Mas, em diferença dos demais – não mero vestígio, mas imagem e semelhança que é do Criador –, além da forma recebida deste, ele é dotado da capacidade e responsabilidade de se auto-formar através de decisões livres. A sua formação (*formatio*), surgida inacabada das mãos do Criador, há-de ser completada por si próprio, responsabilmente, laborando na direcção do acabamento. O ser humano responderá pela obra da sua formação, devendo

saber que renunciar a ela é permanecer informe e que desviar-se da forma a que é chamado é deformar-se.

Em termos teológicos, o acabamento ou perfeição que Deus espera de cada um de nós chama-se santidade. Ela é parente daquele ideal, já desenhado pelos gregos e com larga presença também na tradição bíblica, que dá pelo nome de sabedoria. Entre os gregos, a sabedoria era o saber do sentido da vida. E levava consigo uma componente prático-existencial: sábio era aquele que estava senhor desse sentido, mas também que por ele procurava conduzir a mesma vida. Assim aconteceu especialmente na era do helenismo, com seus diferentes ideais de sábio: o sábio estóico, o sábio epicurista, o sábio cepticista, o sábio neoplatónico... A sabedoria era então o segredo da felicidade. Ela era, no paganismo antigo, o correspondente do joanino e evangélico caminhar na verdade. O cristianismo, na senda do Antigo Testamento, identificou sabedoria com santidade. O santo é agora o verdadeiro sábio.

Alguns são chamados a fazer o caminho de santificação na linha de Maria de Magdala, sentada aos pés de Jesus, que dela disse ter escolhido a melhor parte. A melhor parte, porém, é, neste mundo, apenas uma condição simbolizadora e prefigurativa da condição futura e dela testemunho. A generalidade dos seres humanos, diferentemente, é chamada ao caminho da vida na linha de Marta. E tal é o da vida activa ou do trabalho em suas múltiplas formas. A este se aplica, de facto, com propriedade, o qualificativo de tempo da *laboratio*, do trabalho activo.

Aperfeiçoando-se a si mesmo, o ser humano aperfeiçoa o mundo, fazendo-o ser mais. Realiza a ordem do Criador, desde o princípio: «Dominai a terra» (Gn 1, 28). Desenvolve cultura e civilização, cria riqueza material e riqueza espiritual, e, com elas, realiza o que se chama o progresso do mundo. Com isso, como se exprime a constituição conciliar *Gaudium et spes*, o ser humano «prepara como que a matéria do reino dos Céus» (nº 38).

Chegada ao termo desta fase da sua vida, a criatura humana, tal como figurativamente se lê no Génesis sobre a obra de Deus, é então tempo de deixar aos que vieram depois à vida a continuação da obra realizada. À imagem de Deus que, conforme a simbologia do relato bíblico, no sétimo dia descansou da obra que fizera (Gn 2, 2), é tempo para ela própria descansar do seu trabalho. É o tempo da *jubilatio*, da jubilação.

### 2.3. A velhice: *jubilatio*

Tempo para descanso é, pois, o tempo dessa terceira idade que é a velhice. O encanto da jubilação é, antes de mais, a serena fruição de uma vida mais livre de trabalhos e canseiras, com mais tempo para o lazer. Para quem

não leva consigo o dom da fé e da esperança teologais, o júbilo da jubilação começa e acaba aí. Para nós, os crentes, porém, esse descanso é – ou deveria ser – a prefiguração daquele «eterno descanso» celebrado na liturgia e que Agostinho refere como objecto do nosso profundo desejo, quando, no final das *Confissões*, suplica: «Dá-me, Senhor, a paz tranquila, a paz do sábado que não entardece»<sup>5</sup>. Na verdade, o ser humano não foi feito para a acção, mas para a contemplação, não para o trabalho mas para o repouso.

Tempo de despreocupação depois da labuta da vida, a velhice é, ou tende a ser, um regresso ao tempo da infância, constituindo a chamada segunda infância. Uma despreocupação que anda acompanhada de limitações, fragilidades e dependências que, vezes mais vezes menos, reclamam cuidados semelhantes aos de quando se era criança. É por isso natural que esta passagem traga consigo uma certa nostalgia. Nostalgia, antes de mais, do tempo em que se era forte e sadio, ou da juventude e maturidade, com as suas capacidades e as suas realizações. Acontece então, compreensivelmente, uma certa vontade de cantar aquele «Ó tempo, volta p'ra trás / Traz-me tudo o que eu vivi...». E não só no desejo de reviver os bons momentos da vida decorrida que inexoravelmente não volta, mas também para, se fosse possível, como depois da casa construída, desfazer para refazer fazendo melhor o que foi feito. Alguma desilusão da vida decorrida acompanha, por isso, esta terceira e última fase. Tendo tocado múltiplos instrumentos, com timbres diversos, na ânsia escondida de uma música perfeita com um remate de plenitude, dificilmente não acabamos alimentando a impressão de a nossa vida ter sido, afinal, uma sinfonia incompleta.

Mas a velhice é, ou deve ser, um regresso à infância também enquanto oportunidade para o renascimento do espírito próprio desta. Como bem disse o poeta-teólogo brasileiro Ruben Alves, «Criança não é meio para se chegar ao adulto. Criança é fim, o lugar aonde todo adulto deve chegar». É este espírito que aproxima e quase irmana, como espiritualmente coetâneos, os avôs e os netinhos.

Entretanto, nesta ordem de regresso e, mais concretamente, na linha de pensamento que aqui nos ocupa, podemos e devemos mesmo ir mais longe na nossa meditação. A velhice é, ou deve ser, sobretudo um regresso ao júbilo. É isso que lhe confere o estatuto de jubilação, que é um regresso ao júbilo em modo diferente. Se «júbilo» designa um estado de alma em si mesmo conatural à idade infantil, «jubilação» significa afastar-se da vida activa por imposição das normas legais. Acompanhando o sentimento da sinfonia incompleta, a jubilação tende, entretanto, a trazer consigo o desejo do júbilo. De facto, a música perfeita é a do «júbilo», que não a da «jubilação». Na perspectiva agostiniana e cristã da

---

<sup>5</sup> Santo AGOSTINHO, *Confissões*, XIII, 35.

vida, o júbilo da jubilação ganha então o seu pleno sentido enquanto antecipação prefigurativa daquele júbilo pleno que, na perspectiva da fé, se identifica com o Paraíso da nossa esperança, para além do tempo e da morte. Na verdade, tal como a primeira, também a segunda infância representa uma proximidade do Paraíso. Se a primeira é memória viva dele, a segunda está destinada a ser desejo dele e esperança de o alcançar. Assim entendido, o tempo da jubilação é, por isso, aquele tempo vespéral da vida, análogo daquele que quotidiana e simbolicamente a Igreja celebra, ao entardecer, no seu canto de Vésperas, contraponto do matinal canto de Laudes. Canto de vigília e já, segundo o mistério da comunhão dos santos, em comunhão mística com a liturgia celeste, cantando no íntimo do coração aquela nupcial música inaudita com que milhares e milhares de harpistas exaltam eternamente a glória do Criador e Redentor dos homens e do mundo.

Essa, sim, é, segundo Agostinho, a música que exprime o júbilo<sup>6</sup>. Emergindo do nosso êx-odo horizontal de caminhantes para além de nós, em modo de *éx-stasis* ou voo para as alturas – quer dizer: em modo de saída de si mesmo, ou de libertação da alma que quer ser só alma, liberta do corpo e habitando próxima da música celestial – o júbilo é a música pura, liberta já das palavras, que são o corpo da sua encarnação. Emerge quando a palavra se recolhe e deixa cantar a alma ou o coração. A música jubilosa revela-se então a palavra humana mais próxima da originária Palavra divina. Júbilo é outro nome de Deus. Se há um cântico novo, absolutamente inaudito, digno da novidade ou da surpresa divina, esse é, então, o puro cântico do puro júbilo.

Olhada nesta perspectiva, a jubilação, no decurso de uma vida onde ressoa a memória da Origem, deveria ser, para cada jubilado, uma espécie de convite a inscrever-se no «coro dos nostálgicos de Deus». Um coro que, como diria Pessoa, na figura de Alberto Caeiro, deveria fazer a aprendizagem de desaprender progressivamente as palavras com que andou procurando decifrar o grande enigma da vida. E aprendizagem também de, em contrapartida, ir deixando, progressivamente, emergir a música pura, até que ela expluda efectivamente na plenitude do deslumbramento no grande coro da corte celestial. Nesta perspectiva, a própria morte outra coisa não é senão o definitivo silenciamento da palavra que estorva a música, para deixar emergir esta na música pura do puro júbilo. Então, sim, a sinfonia da nossa vida terá o remate digno e próprio de uma sinfonia completa.

Só então o mistério da humana criatura que somos se abrirá em plena luz. Enquanto não, porém, o mistério permanece, apenas se abrindo na discreta clareira da fé, tal como a música permanece imperfeita, só na esperança

---

<sup>6</sup> Cf. Id., *Ennarrationes in Psalmos*, Ps. 32, sermo 1, 7-8.

teologal preludiando a sua plena manifestação. Como Agostinho também faz questão de notar, afinal, quem, verdadeiramente, desse profundo mistério nos poderá dar o pleno entendimento? Que filosofia? Que teologia? O grande filósofo e teólogo, que também foi bispo de Hipona, assim termina as suas longas *Confissões* (e com as suas palavras encerro também esta minha última lição): «A Ti [Deus] se peça, a Ti se procure, à tua porta se bata. Deste modo, sim deste modo, se há-de receber, se há-de encontrar e se há-de abrir a porta do mistério.»<sup>7</sup>. Com ele, direi ainda – e agora termino mesmo –, servindo-me ainda, em parte, de palavras suas: «Que Te procure, Senhor, invocando-Te»<sup>8</sup>, a Ti que me invocaste e, invocando-me, me fizeste ser e existir para que, depois dos trabalhos e canseiras da vida, o meu coração inquieto possa finalmente, jubilosamente, repousar em Ti.

---

<sup>7</sup> Id., *Confissões*. XIII, 38.

<sup>8</sup> Id., *ibid.*, I, 1.